

# Apresentação

A revista GeoTextos chega a seu volume 20 e comemora vinte anos de existência, publicando o primeiro número de 2024 com textos que cobrem uma grande variedade de temáticas e recortes/escalas espaciais diversos distribuídos em duas seções. Os dois primeiros textos da seção Artigos têm em comum a discussão sobre recursos energéticos e a transição da matriz energética na Bahia e no Brasil. No primeiro artigo da seção, Vinicius Navarro Morende trata “das disputas territoriais ocorridas por influência das ações dos programas públicos voltados à produção de biocombustíveis na Bahia”, buscando analisar neste recorte “os objetos geográficos inseridos no espaço e as ações para sua implantação”. Um dos resultados de sua pesquisa é a constatação de que regiões sem reservas petrolíferas também vão ser inseridas “na lógica de produção de biocombustíveis, como é o caso do oeste baiano, por conta da produção de soja, e as áreas produtoras de gêneros como a mamona no estado”. Já Joaquim de Oliveira Neto se norteia pela teoria da dependência para refletir sobre o processo de transição energética na escala nacional e seus impactos sobre a indústria automobilística. Com foco na descarbonização energética e nas relações entre China e Brasil, o autor vai constatar “que a transição energética da frota nacional está em andamento e, até o momento, iniciativas chinesas estão na dianteira”. Por outro lado, admite que ainda é cedo para afirmar “se este novo capítulo nas relações sino-brasileiras inaugura uma relação mais promissora, com investimentos industriais portadores de transferência de tecnologias-conhecimentos, ou se o Brasil seguirá como exportador de commodities e importador de manufaturados”.

Nos três artigos seguintes são tratados aspectos socioambientais relativos ao saneamento básico, à territorialização da pecuária e à disseminação do SARS-COV-2, em recortes espaciais que focam diferentes estados das regiões Norte e Nordeste. No terceiro artigo da seção, José Gomes Ferreira e Bertulino José Souza vão se debruçar sobre “a concretização

da Agenda 2030, em particular do ODS 6 Água Potável e Saneamento Básico, no recorte dos municípios que compõem a Bacia Hidrográfica do Rio Apodi-Mossoró, localizada no Rio Grande do Norte”, para concluir que o ODS 6 Água potável e saneamento se constitui como um desafio para “os municípios do semiárido brasileiro no fornecimento de água de qualidade às populações”, exigindo “medidas concretas de enfrentamento da poluição e de resposta à crise climática”. No artigo seguinte, José Antônio Guilherme Júnior, Mateus Monteiro Lobato e Kethelen Moraes querem “examinar as implicações socioambientais decorrentes do processo de territorialização da pecuária no município de São Domingos do Capim”, no estado do Pará, constatando que “a territorialização da pecuária, em sua manifestação empírica, se evidencia através do controle da terra, da efetivação da propriedade rural e da conversão de áreas de ‘terra nua’ ou de floresta em pastagens” e concluindo que a consequência mais evidente desse processo, sob uma perspectiva ambiental, no município analisado, é a supressão da floresta, ou seja, o avanço do desmatamento “sobre a cobertura vegetal, principalmente a secundária”. No texto que se segue, Allison Bezerra Oliveira, Arialdo Ribeiro de Moraes Júnior e Pedro Henrique Araújo Santos buscam “analisar a dinâmica de difusão de Covid-19 na rede urbana da Região Geográfica Imediata de Colinas (RGIC)”, no Maranhão, refletindo sobre “a relação entre a oferta de serviços médico-hospitalares e especialidades médicas nos municípios que compõem a RGIC como fator preponderante na existência de fluxos e contágio de Covid-19 no primeiro ano da pandemia” para concluir que “a rarefação e a desigualdade apresentadas na RGIC quanto ao número de equipamentos médico-hospitalares reproduzem o quadro de desenvolvimento das periferias do capitalismo contemporâneo”.

Os dois artigos seguintes da seção têm em comum uma reflexão sobre o impacto das novas tecnologias no espaço urbano: em seu texto, Leandro Di Genova Barberio, Fernando Guilherme Silveira Manocchio e João Paulo Rosalin querem entender “como a ideia de *smart city* (...) tem afetado os discursos e debates públicos do planejamento urbano”, procurando explicitar “a expansão da tecnologia 5G no Brasil, a fim de compreender como uma inovação tecnológica posta em uso se faz condutora do processo de seleção e valorização do espaço”. Já Diego Correa Maia, Jader Janer Moreira

Lopes e Alfonso Garcia de La Veja querem investigar, no texto a seguir, “como as práticas espaciais dos entregadores de bicicleta estão conectadas entre/com as cidades analisadas, assim como destacar as particularidades de suas práticas espaciais vivenciadas em Madrid (ES), Juiz de Fora (MG) e São Paulo (Capital)”, cidades escolhidas “por possuírem uma grande demanda do trabalho por meio das plataformas digitais e da utilização de bicicleta para a realização desta atividade laboral”.

Os dois últimos textos da seção Artigos são reflexões de cunho geográfico sobre temáticas atuais afeitas aos campos da Geografia da Religião e da Geografia de Gênero: em seu artigo, Antônio Jarbas Barros de Moraes aborda a espacialidade das práticas religiosas das Novas Comunidades Católicas (NCC) em Sobral (CE), originadas do movimento de Renovação Carismática Católica. Para o autor, a análise dos dados obtidos com sua pesquisa revelou “a importância do sentimento de pertencimento e da integração comunitária na vivência da fé” e os desafios futuros das NCC em Sobral, que “incluem a necessidade de maior solidariedade, justiça social, inclusão e evangelização adaptada às novas tecnologias e às demandas contemporâneas”. Já Cláudia Alves dos Santos procurou, no artigo de sua autoria, “demonstrar a importância do trabalho de campo como um conceito teórico-prático que (re)orienta estudos na Geografia e situações reflexivas relacionadas às fenomenologias críticas feministas”, a partir de levantamentos realizados na Câmara Municipal de Santa Maria (RS).

Finalmente, na seção Perspectivas, o artigo de Pedro de Almeida Vasconcelos aborda o conceito de território na ciência geográfica, tratando “das mudanças e dos desdobramentos do conceito” na Geografia entre 1802 e 2022 e destacando a importância da noção de território, que “pode ser mensurada pelo aumento dos textos sobre o conceito tanto na literatura internacional como na Geografia brasileira”.

Boa leitura!

Angelo Serpa  
Editor Responsável

